



SLEEPING MASK E MÁSCARA DE DORMIR, UM CONTO DE PETER LASALLE E SUA TRADUÇÃO EM PORTUGUÊS BRASILEIRO

SLEEPING MASK AND MÁSCARA DE DORMIR, A SHORT STORY BY PETER
 LASALLE AND ITS TRANSLATION INTO BRAZILIAN PORTUGUESE

Lenita Maria Rimoli Pisetta¹

RESUMO

Este trabalho objetiva apresentar a tradução de um conto escrito pelo autor estadunidense Peter LaSalle e publicado em 2017. O conto envolve os leitores numa rede de sonhos, devaneios, lembranças antigas, traumas de infância e intimidade psicológica e física, sem que haja um porto seguro onde ancorar os fatos, que talvez nem sejam fatos. Provavelmente os leitores se sentirão melhor se fizerem o que o narrador pede à sua amante: “Relaxe”. É uma boa sugestão relaxar e seguir essa narrativa vertiginosa, as vívidas caracterizações de cenas e a análise sagaz de estados de espírito. Peter LaSalle nasceu em Rhode Island em 1947 e escreveu livros de contos, romances e literatura de viagem. Entre seus autores preferidos, frequentemente citados em suas obras, estão Edgar Allan Poe, Jorge Luís Borges e William Faulkner. Existe outro livro de contos do autor em português brasileiro, intitulado *Diga a Borges se o encontrar: histórias de sonambulismo contemporâneo* (LaSalle, 2016). O autor recebeu vários prêmios literários, como o Flannery O’Connor Award, o Richard Sullivan Prize, o Antioch Review Award, e o O. Henry Award. Ele é professor de escrita criativa na Universidade do Texas em Austin, EUA.

Palavras-chave: Peter LaSalle; “máscara de dormir”; ficção estadunidense contemporânea.

ABSTRACT

This paper aims at presenting the translation of a short story written by US author Peter LaSalle and published in 2017. The story catches the readers in a net of dreams, reveries, old

¹ Professora de teoria e prática de tradução no Departamento de Letras Modernas, FFLCH – USP. <https://orcid.org/0000-0003-0525-5048>

*recollections, childhood traumas, and psychologic and physical intimacy, where there is no safe haven to anchor the facts, which perhaps are not facts at all. Probably readers will feel better if they just do what the narrator tells his lover to do: “Relax”. It is a good suggestion to relax and follow this vertiginous narrative, the lively scene characterizations, and the sharp-witted analyses of states of mind. Peter LaSalle was born in Rhode Island in 1947 and has written short-story collections, novels, and travel literature. Among his favorite authors, which are often alluded to in his works, are Edgar Allan Poe, Jorge Luís Borges, and William Faulkner. There is a short story collection by LaSalle in Brazilian Portuguese, with the title *Diga a Borges se o Encontrar: histórias de sonambulismo contemporâneo*, a translation of *Tell Borges if you See Him* (LaSalle, 2016). LaSalle was honored with several prizes, such as the Flannery O’Connor Award, the Richard Sullivan Prize, the Antioch Review Award and the O. Henry Award. He teaches creative writing at the University of Texas at Austin, USA.*

Keywords: Peter LaSalle; “sleeping mask”, us contemporary fiction.

INTRODUÇÃO E BREVES COMENTÁRIOS SOBRE A TRADUÇÃO

Peter LaSalle é um estadunidense que aprecia viajar e conhecer lugares e pessoas diferentes. O autor tem uma forte ligação com a América Latina (Barros, 2016), embora isso não se evidencie no conto apresentado aqui. Sua ligação com Jorge Luís Borges se manifesta em vários de seus escritos e em seu próprio estilo de escrita, que muitas vezes arrebatava o leitor com frases muito longas que são de perder o fôlego. Outro tema caro ao autor (e isso aparece com força nesse conto) é o sonho, em sua relação com a imaginação e a memória. A descrição das cenas e ambientes é rica e minuciosa, por meio de um vocabulário precioso e requintado. Essas características reunidas colocam desafios para o tradutor. Tentei ao máximo não descaracterizar o texto, sem “quebrar” as frases, sem organizar o que parece meio “solto” e sem forçar, na tradução, o texto para o que seria considerado padrão. Exemplos disso são a tradução de “big darkness” por “grande escuridão” e não “vasta escuridão”, que poderia ser considerado mais idiomático. Na passagem “...refused to make the slightest sound, move even the metaphor of a muscle”, a metáfora inusitada foi reproduzida em português com “se recusou a fazer o mínimo ruído, não ia mover nem mesmo a metáfora de um músculo”. O conto tem um ritmo bem marcado, vertiginoso até, que na medida do possível se tentou reproduzir na tradução. Algumas acomodações, entretanto, foram necessárias, como no trecho em que o autor usa uma frase com sintaxe interrogativa e não coloca um ponto de interrogação no final. A pergunta fica marcada em inglês, mas não em português, e, portanto, foi acrescentado um ponto de interrogação, como se pode observar a seguir: “Is the moonlight bright behind the long drapes here gone at last, is there just the darkness and more than that – the Essence of Darkness” foi traduzido assim: “O clarão do luar por trás das cortinas compridas já se foi finalmente, e agora só existe a escuridão e mais que isso – a Essência da Escuridão?” Como nos informa Rodrigo Lopes de Barros (2016) LaSalle já esteve no Brasil, por ocasião da publicação de um conto seu na revista *Livro* em 2011. Quem sabe, com esta publicação, ele não encontra a oportunidade de nos visitar de novo? E agora, o conto “Máscara de Dormir”, lado a lado com o original, “Sleeping Mask”.

Sleeping Mask

Peter LaSalle

Here, take it, my darling.

Do you like the feel of it? No, don't be afraid. There in your fingers it is so light, isn't it? Such soft black velvet on the inside, the magenta satin on the outside, the ribbon of its band. What? You have never really held one before? You have seen them, or heard of them, in books or in the movies? Well, it is not a matter of seeing one or hearing about one anymore – just take it as you lie here on the bed, feel it.

The soft black velvet on the inside,

The magenta satin, shimmery, on the outside.

The elasticized black ribbon of its band.

And let me help you with it. Relax. I will take the true mane of your golden hair, lift it from your bare back, your sculpted neck, the wings of your shoulder bones so delicate. Let the world of your eyes entirely aqua be gone at least for a while, and, yes, place it to your fragile face like that, let me lift the pound or more of that wonderful hair as you ease back to the pillow, let me loop the band over your head. Does it feel comfortable? Is the moonlight bright behind the long drapes here gone at last, is there just the darkness and more than that – the Essence of Darkness. Fold your arms over your breasts, stretch out your bare legs. Relax. Of course, it is really dark, and, of course, you are *really* somewhere else. And don't worry if you were scared as a girl there in the low mountains of your *grand-mère's* village in the faraway province that you would rather not think about right now, the big darkness of your feeling your way home along the hedgerows of a rutted road in winter when the stars themselves were too absolutely scared to show their faces. Or the big darkness when your *cousine* Valérie took you to the cellar of the farm's fieldstone barn in the evening. She told you it would be a most secret club, the two of you alone down there below the cows knock-knocking against the worn boards above, the dizzying stink of the damp hay in their stalls, the distorted silhouettes of two little girls (ten, maybe eleven) in a cellar moving along the damp mortar-and-granite walls by candlelight, as the pair of you walked slowly, very slowly, to the farthest corner. But once, you made the mistake of letting Valérie get too far ahead of you; she suddenly pinched the candle's flame and refused to make the slightest sound, move even the metaphor of a muscle, and you screamed to her in the big, big darkness to please say

Máscara de Dormir

Tradução Lenita M. R. Pisetta

Aqui, tome, amor.

É gostosa de pegar? Não, não tenha medo. Aí entre seus dedos é tão leve, não é? Um veludo preto tão macio por dentro, o cetim magenta por fora, a fita para segurar. O quê? Você nunca teve uma dessas nas mãos? Já as viu, ou ouviu falar delas, nos livros ou nos filmes? Bem, já não é mais uma questão de ver uma ou ouvir sobre uma – apenas a pegue enquanto está aqui deitada na cama, sinta-a nas mãos.

O veludo preto macio por dentro,

O cetim magenta, tremeluzente, por fora.

A fita preta com elástico para fixar.

E deixe que eu ajude você. Relaxe. Vou segurar a verdadeira juba que é seu cabelo dourado, erguê-la de suas costas nuas, de seu pescoço esculpido, das asas de suas escápulas tão delicadas. Deixe o mundo dos seus olhos da exata tonalidade aqua para trás pelo menos por uns momentos, e, isso mesmo, coloque-a assim sobre seu rosto frágil, deixe que eu levante o meio quilo ou mais desse maravilhoso cabelo enquanto você se acomoda no travesseiro, deixe que eu passe o elástico por sobre sua cabeça. Está confortável? O clarão do luar por trás das cortinas compridas já se foi finalmente, e agora só existe a escuridão e mais que isso – a Essência da Escuridão? Cruze os braços sobre seus seios, estique as pernas nuas. Relaxe. Claro, está realmente escuro, e, claro, você está *realmente* em outro lugar. E não se preocupe se você ficou com medo quando menina, nas montanhas baixas da aldeia de sua *grand-mère* na distante província sobre a qual você preferiria não pensar agora, a grande escuridão de você tateando seu caminho para casa ao longo das sebes de uma estradinha sulcada no inverno quando as próprias estrelas estavam absolutamente amedrontadas demais para mostrarem seus rostos. Ou a grande escuridão quando sua *cousine* Valérie levou você para o porão do celeiro de pedra da fazenda à noite. Ela disse que aquele seria o clube mais secreto, vocês duas sozinhas ali, embaixo das vacas bate-batendo contra as tábuas gastas acima, o atordoante fedor do feno molhado nas baias delas, as silhuetas distorcidas de duas meninhas (dez, talvez onze) em um porão, movimentando-se ao longo das paredes úmidas de argamassa e granito à luz de uma vela, enquanto vocês duas caminhavam devagarinho, muito devagarinho, até o canto mais distante. Mas, certa vez, você cometeu o erro de

something, to please, really *please*, never do that to you again, and light the candle now, immediately – *please!*

It was worse than the dirty-faced boys at the *école* taunting the girls in the courtyard of cobbles, shoving, taunting, shoving some more. Until one of the girls fell, a scraped knee or a gashed elbow, for the terrible blood that was, in truth, all that boys of that ilk (little tormentors, little beasts) wanted, then they lost interest. Valérie said that she and you would have the place where nobody could ever find you, and dark-eyed, elfin-nosed *petite* Valérie instructed you to sit on the dirt across from her, in that supposed club in the farthest corner of the cellar of the barn, where, true, nobody up there above – the boys at the *école*, or the ghosts of the farmers and the ghosts of the farmers’ wives, even the ghost of your beloved *grand-mère* – could ever get at you, the two of you finally settled, hidden alone there. Valérie always asked you to tell her a secret that you would never dare to tell anybody else, and Valérie promised that next she would do the same, the candle flickering – though she never did. She always just let your own confession spill out in nervous whispers, before, inevitably, her turn came and she flatly proclaimed it was time to go, or she quickly changed the subject, telling you, “Shhh, I think I hear somebody.” And in your innocence you strained to listen for the boots of drunken, limping Uncle Étienne above, and Étienne, needless to add, was never there. Still, the boys in the courtyard, Valérie tricking you again into making a confession – none of that amounted to anything compared to that one time you let her get ahead of you (did she maybe *try* to get ahead of you?), and she kept walking and walking toward the corner far back in the cellar, where the two of you had set up a cider barrel as your table, so with the chipped blue vase placed on top of the barrel, that was enough to define it as your private domain: the two of you had a club.

But then she had to snuff the candle; she had to let you panic in the black of it all.

deixar que Valérie avançasse muito à sua frente; de repente ela apagou a chama da vela com os dedos e se recusou a fazer o mínimo ruído, não ia mover nem mesmo a metáfora de um músculo, e você gritou para ela na grande, grande escuridão, que por favor dissesse alguma coisa, que por favor, *por favor* de verdade ela nunca mais fizesse aquilo de novo, e acendesse a vela agora, já, *por favor!*

Foi pior que os meninos de cara suja da *école* provocando as meninas no pátio de pedra, empurrando, provocando, empurrando um pouco mais. Até que uma das meninas caiu, um joelho ralado ou um cotovelo ferido, fazendo surgir o sangue terrível que era, na verdade, tudo o que aquela laia de meninos (pequenos torturadores, pequenas feras) queria, depois eles perderam o interesse. Valérie disse que ela e você teriam o lugar onde ninguém jamais poderia encontrá-las, e a *petite* Valérie de olhos escuros e nariz de fadinha instruiu você a se sentar na terra de frente para ela naquele suposto clube no canto mais distante do porão do celeiro, onde, verdade, ninguém lá em cima – nem os meninos da *école*, nem os fantasmas dos agricultores, nem os fantasmas das mulheres dos agricultores, nem mesmo o fantasma de sua amada *grand-mère* – jamais poderia chegar até vocês, vocês duas finalmente acomodadas, escondidas juntas ali. Valérie sempre pedia que você lhe contasse um segredo que nunca ousaria contar a mais ninguém, e Valérie prometia que em seguida ela faria a mesma coisa, a vela bruxuleando – embora ela nunca fizesse. Ela sempre deixava que apenas sua própria confissão vazasse em cochichos nervosos antes que, inevitavelmente, a vez dela chegasse e ela com a cara mais lavada declarasse que era hora de irem, ou mudasse depressa de assunto, dizendo, “Shhh, acho que estou ouvindo alguém”. E você em sua inocência se esforçava para escutar as botas do coxo e bêbado Uncle Étienne lá em cima, e Étienne, não seria nem preciso acrescentar, nunca estava lá. Ainda assim, os meninos no pátio, Valérie trapaceando você de novo para que fizesse uma confissão – tudo isso não significava nada em comparação àquele único dia em que você a deixou ir mais para a frente (será que, talvez, ela *tentou* ficar mais à frente?), e ela continuou andando e andando até o canto lá atrás do porão, onde vocês duas tinham colocado um barril de cidra à guisa de mesa, e com o vaso azul lascado posto em cima do barril, isso bastava para definir aquele espaço como o domínio particular de vocês: vocês duas tinham um clube.

Mas daí ela teve de apagar a vela; ela teve de deixar você em pânico naquele breu absoluto.

She let you scream that you would kill her if you ever made it out of there, but right then you thought you would never get out of there, escape, and there was only the dark, and there was only you swallowed by it, and there was . . .

Relax.

Here, let me adjust the mask for you myself. Let me push the few vagrant strands of hair from your forehead, and let me spread out the long golden tresses on the pillow. And you are not alone now, not lost. I am with you,

You have put on the sleeping mask I have handed to you.

The soft black velvet on the inside, the magenta satin on the outside.

The black ribbon of its band.

What do you say?

You ask what do you look like now? At this very moment lying on the large bed? Darling, my eternal love, what you look like now is this:

There is a world. There is a famous city in that world. In that city there are *arrondissements*, there are *rues* and there are tree-lined *grands boulevards*; a Métro rumbles underneath it all, and there are blue-enameled signs with white letters, square-shaped street signs, bolted to the sides of the yellow-stone buildings. In one old frilled building on one particular street in a neighborhood of no real consequence, there is a room on the *deuxième étage* behind closed drapes. In this bedroom there are the shadows of hopelessly dated tortoiseshell furniture, then the swirled baroque trim along the ceiling's molding atop the walls; the walls show cracks, the ceiling shows cracks. On the edge of the bed sits a man, and let us say that man is someone like me, an alleged member of the esteemed diplomatic corps. The bed itself is actually a massive contraption with a warped tortoiseshell-veneer headboard; there is a quilt pushed aside in a lumpy pile, also the wrinkled linen for the mattress and the long, bolster-style pillows. That linen may be the sole clue that the man and the woman in the room, even the city, are not in some other time altogether. Or perhaps another era, because the sheets are white with a big patterning of black asterisks and exclamation points, splashed too loudly, the kind of linen bought, surely, during a *solde* at one of the large *magasins* on

Ela deixou você gritar que a mataria se conseguisse sair dali, mas naquela hora você achava que nunca poderia sair dali, escapar, e só havia o escuro, e só havia você engolida por ele, e havia...

Relaxe.

Pronto, deixe que eu mesmo ajuste a máscara para você. Deixe que eu afaste os poucos fios de cabelo errantes da sua testa, e deixe que eu espalhe as longas madeixas douradas no travesseiro. E você não está sozinha agora, nem perdida. Estou com você,

Você colocou a máscara de dormir que eu entreguei a você.

O veludo preto macio por dentro, o cetim magenta por fora.

A fita preta para fixar.

Que foi que disse?

Você pergunta qual é sua aparência agora? Neste exato momento deitada na cama ampla? Amor, meu eterno amor, sua aparência agora é esta:

Existe um mundo. Existe uma cidade famosa nesse mundo. Nessa cidade existem *arrondissements*, existem *rues*, e existem *grands boulevards* rodeados por árvores; um Métro passa por baixo de tudo fazendo ruído, e existem placas esmaltadas em azul com letras brancas, placas de rua quadradas, parafusadas nas laterais dos prédios de pedra amarela. Em um antigo prédio com adornos na fachada numa certa rua em uma área sem especial importância existe um cômodo no *deuxième étage* atrás de cortinas cerradas. Nesse quarto existem as sombras de móveis irremediavelmente datados, revestidos com casco de tartaruga, e existe também o adorno de curvas barrocas ao longo da sanca de gesso no topo das paredes; as paredes exibem rachaduras, o teto exhibe rachaduras. Na beira da cama está sentado um homem, e vamos dizer que esse homem é alguém como eu, um suposto membro do estimado corpo diplomático. A cama em si é uma coisa enorme com uma cabeceira empenada e verniz de casco de tartaruga; existe uma colcha amontoada no canto, e também a roupa de cama para o colchão, bem amarfanhada, e travesseiros compridos ao estilo bolster. Aquela roupa de cama pode ser a única pista de que o homem e a mulher no quarto, e mesmo a cidade, não estão em outro tempo completamente diferente. Ou talvez outra era, porque os

Rue de Rivoli or over by the Place de l'Opéra – in the designer's mind the whole idea of the fabric was probably comical and campy, not at all serious. But that effect is lost now in the high-ceilinged room of moonlight behind the tall windows' drawn drapes, a room where the mussed sheets showing a pattern of exaggerated punctuation indeed also suddenly take on the seriousness of everything else at the moment. Here, as I said, a man sits on the edge of the bed, the man is looking down at the woman, who reclines on her back. The woman is willowy, very tall, or so it seems, to observe her in this supine position and from this angle of viewing. She is entirely naked, and there is her pale white skin, with a faint sprinkling of cinnamon freckles on the shoulder tops; there are her long arms folded across the rise of her chest, the spring roses of the tips of her breasts covered that way; there is the xylophone of her rib cage, then the ginger tuft between her curving thighs, the knots of her knees and the long, fine calves; her feet are somewhat mossy at the roughened toes from wearing sandals all the time now that the warm weather is here. On the pillow with asterisks and exclamation points rests her head, and it seems that this woman, someone like you, has had the fullness of her hair arranged by the man – again, someone like me – around her head, so that the divided strands of the golden mass spread out on the bolster in tapering flames. The woman is wearing a sleeping mask. It is an object that in its basic oddity, or maybe its basic defining concept, is somehow only a pairing of Absolute opposites.

It is familiar yet strange. It is decadent yet heavenly. It is . . . But you know how that goes.

And, my darling, it appears that with the moonlight quite strong behind the drapes, and with the noise of a baby Renault or Citroën going through its gears on the narrow street below – louder and louder, until there is silence again, just the low melody of fragile breathing again – it seems, my darling, that suddenly I am more certain of the whole scene, sure of what I am witnessing. And the man is I, and the woman is you. And I say to you, “Relax.”

As I lie down beside you. As you ask me what I am doing, and I say – whisper, really – I say one more

lençóis são brancos com uma estampa grande de asteriscos e pontos de exclamação pretos, esparramados de forma espalhafatosa, o tipo de roupa de cama comprada, com certeza, durante um *solde* em um dos grandes *magasins* da Rue de Rivoli ou perto da Place de l'Opéra – na cabeça do desenhista a ideia toda do tecido talvez tenha sido cômica e afetada, de modo algum séria. Mas esse efeito se perdeu agora no quarto de teto alto e de luar atrás de cortinas cerradas sobre altas janelas, um quarto em que os lençóis desalinhados que exibem uma estampa de exagerada pontuação na verdade de repente assumem a seriedade de tudo o mais neste momento. Aqui, como eu disse, um homem está sentado na beira da cama observando de cima uma mulher deitada de costas. A mulher é delgada, muito alta, ou assim parece, observada nessa posição supina e deste ângulo de visão. Ela está completamente nua, e existe a sua pele pálida, branca, com uma leve aspensão de sardas cor de canela sobre os ombros; existem seus longos braços cruzados sobre a parte superior de seu peito, as rosas das pontas de seus seios cobertas desse jeito; existe o xilofone de sua caixa torácica, em seguida o tufo ruivo entre suas coxas torneadas, os nós de seus joelhos e suas longas e finas canelas; seus pés estão meio ásperos na altura dos dedos pelo uso constante de sandálias agora que o tempo quente chegou. Sobre o travesseiro com asteriscos e pontos de exclamação está pousada sua cabeça, e parece que essa mulher, alguém como você, teve toda a massa de seu cabelo arranjada pelo homem – de novo, alguém como eu – em torno da cabeça dela, de modo que as mechas divididas da massa dourada se espalharam para além do travesseiro comprido em chamas afuniladas. A mulher está usando uma máscara de dormir. É um objeto que, na sua estranheza básica, ou talvez seu conceito definidor básico, é apenas um pareamento de opostos absolutos.

É familiar apesar de estranho. É decadente apesar de celestial, é... Mas você sabe como é.

E, meu amor, parece que com o luar bastante intenso atrás das cortinas e com o ruído de um Renault ou um Citroën supercompacto que troca de marcha na rua estreita lá embaixo – cada vez mais alto, até que se faz silêncio outra vez, apenas a melodia suave da respiração frágil outra vez – parece, meu amor, que de repente tenho mais certeza da cena toda, certeza do que estou testemunhando. E o homem sou eu, e a mulher é você. E eu digo a você, “Relaxe”.

Quando me deito ao seu lado. Quando você me pergunta o que estou fazendo, e eu digo – na verdade,

time for you to do just that: relax. I say I am simply reclining, lying down beside you. I know you are more than relaxed, however, and you say something about how my story of the man sitting on the edge of the bed with a woman lying down wearing a sleeping mask has made you lusciously tired. Then you drift into some soft talk about a spotted leopard that comes up to you in a jungle to warmly, wetly, lick your hand as if the beast were a gentle kitten, a scenario out of a dream that seems to have nothing to do with anything but certainly has everything to do with that more important Realm of Nothing. And next you talk about another scene altogether. You are in a wheat field, where children have made lovely kites out of newspaper, the kites dance in the blowing blue air above the yellow undulations of the wheat, dance in darts and dives, and the silvery strings leading up to them in long arcs tighten and slacken and tighten, the bow-tie tails shivering – and you are happily watching the children flying those kites, you are thinking about...

As your voice, slower, stops in midsentence. You let your arms slacken, and they slip to your sides. You are asleep. And even if it hurt you so for me to confess that I lied to you about not having as much as phoned my ex-wife, let alone spent several nights with her, during that strangest of all dreams that somehow took on the texture of my ten-day trip as an envoy to Manhattan the month before, even if you cried and confronted me with other things, too, especially my insulting frankness with broken-down Thompson when I was drunk at the Czech embassy's formal reception, as I shouted at you as well there and behaved very badly, to say the least, it has nothing to do with this moment in the bedroom—*now*. Because we have made love, long and passionate and crazily devouring love that becomes that much sadder when it involves a young woman and – in the standard vernacular – “a man of a certain age”; but there was no sadness, no comedy whatsoever, in your whimpers of pleasure, your cries, also in my own declaration, strong and resolved and spoken at the exact instant when we released each other from the sweaty wrestling, completely spent after the building and building and utter building savagery of our lips locked in such kisses, I looked right into your aqua eyes, the two of us evanescent, and I said to you, more sure of myself than ever before: “I don't *ever* want to die.”

sussurro – eu digo mais uma vez a você que faça apenas isto: relaxe. Eu digo que estou simplesmente reclinado, deitado ao seu lado. Eu sei que você está mais que relaxada, porém, e você diz algo sobre como minha história do homem sentado na beira da cama com a mulher deitada usando uma máscara de dormir deixou você deliciosamente cansada. Então você envereda por alguma conversa suave sobre um leopardo com pintas que se aproxima de você em uma selva para calorosamente, umidamente, lambe sua mão como se a fera fosse um gatinho manso, uma cena de um sonho que não parece ter nada a ver com coisa alguma mas com certeza tem tudo a ver com aquele mais importante Domínio do Nada. E em seguida você fala sobre outra cena completamente diferente. Você está em uma plantação de trigo, onde crianças fizeram adoráveis pipas a partir de jornais, as pipas dançam ao vento azul que sopra sobre as ondulações amarelas do trigo, dançam em arremetidas e mergulhos, e os barbantes prateados que conduzem até elas em longos arcos se esticam e afrouxam e se esticam, as rabiolas de gravata borboleta tremulando – e você está feliz observando as crianças empinando aquelas pipas, você está pensando em...

Quando sua voz, mais lenta, para no meio da frase. Você deixa os braços soltos, e eles escorregam para as laterais. Você adormeceu. E embora a tenha magoado tanto eu ter confessado que menti para você sobre não ter nem chegado a telefonar para minha ex-mulher, e menos ainda ter passado várias noites com ela, durante aquele mais estranho de todos os sonhos que de alguma forma assumiu a textura de minha viagem de dez dias como enviado diplomático para Manhattan o mês passado, mesmo que você tenha chorado e me acusado de outras coisas também, em especial de minha insultante franqueza com o arruinado do Thompson quando eu estava bêbado na recepção formal da embaixada tcheca, além de ter gritado com você lá e me comportado muito mal, para dizer o mínimo, nada disso tem a ver com este momento no quarto – *agora*. Porque nós fizemos amor, fizemos amor longo e apaixonado e loucamente devorador que se torna tão mais triste quando envolve uma mulher jovem e – como em geral se diz – “um homem de certa idade”; mas não houve tristeza, nem alegria, muito menos comédia, em seus gemidos de prazer, seus gritos, também em minha própria declaração, forte e resolvida e pronunciada no exato instante em que libertamos um ao outro da luta suada, completamente exaustos após o *crescendo*, o *crescendo*, o absoluto *crescendo* de selvageria de nossos lábios colados naqueles beijos, olhei bem nos seus olhos

aqua, nós dois evanesendo, e eu disse a você, com mais certeza do que jamais tive antes: “Não quero morrer *nunca*”.

Then, for some reason, I was holding a sleeping mask. And in my own dream (I still see you crouching in the jungle of big emerald ferns and big scarlet trumpet flowers, down on one knee while the gentle leopard puts his wet tongue to your lovely alabaster fingers to lick away at them; I still see the children in the yellow wheat field with their homemade kites fashioned from newspaper, your standing there and marveling at the little ballet of their druggingly wonderful play – those are your dreams that truly do speak of your tenderness, your specialness), and, yes, in my own dream I sit next to you on a bed after the lovemaking, and I hold out the mask for you to take. While you ask me, “What is it?” Or, as you say, “Is it really a sleeping mask?” Propping yourself up to your elbows, you confess to me that, of course, you have heard of such a thing, but you have never actually seen one before. But I tell you softly to simply relax, just ease yourself back to the bed, your head on the elongated bolster of a pillow with huge asterisks and exclamation points.

I hand the mask to you.

The soft black velvet on the inside.

The magenta satin, that effect called watermarked, on the outside, and the dangling loop of the black ribbon of its band.

Do you like the very feel of it? Here, don't be afraid, just relax and let me help you with it. Do you like its soft feel?

Well, *do* you?

Depois, por algum motivo, eu estava segurando uma máscara de dormir. E no meu próprio sonho (ainda vejo você agachada na selva de grandes samambaias cor de esmeralda e grandes flores vermelhas em forma de trombeta, apoiada em um joelho enquanto o manso leopardo passa a língua molhada por seus lindos dedos de alabastro para os lambar; ainda vejo as crianças na plantação amarela de trigo com suas pipas caseiras feitas com jornais, você ali parada admirando o pequeno balé daquela brincadeira estonteantemente maravilhosa – esses são os seus sonhos que verdadeiramente falam da sua ternura, sua singularidade), e, sim, em meu próprio sonho eu me sento perto de você em uma cama depois de termos feito amor, e eu estendo a máscara para você pegar. Enquanto você me pergunta, “O que é isso?” Ou enquanto você diz, “É mesmo uma máscara de dormir?” Apoiando-se nos cotovelos, você me confessa que, claro, ouviu falar de uma coisa desse tipo, mas nunca viu uma dessas antes. Mas eu lhe digo baixinho para simplesmente relaxar, apenas se soltar sobre a cama, sua cabeça no travesseiro comprido com enormes asteriscos e pontos de exclamação.

Eu entrego a máscara a você.

O veludo preto macio por dentro.

O cetim magenta, aquele efeito chamado de marca d'água, por fora, e a fita preta com elástico pendurada, que serve para fixar.

É gostosa mesmo de pegar? Aqui, não tenha medo, apenas relaxe e deixe que eu ajude você a colocá-la. Você gosta de sentir o tecido macio?

Bem, você *gosta*?

REFERÊNCIAS

- BARROS, R. L. Introdução. In: LASALLE, P. *Diga a Borges se o encontrar*: histórias de sonambulismo contemporâneo. Tradução Lenita Esteves. São Paulo: Mombak, 2016. Edição Kindle.
- LASALLE, P. Sleeping mask. In: LASALLE, P. *Sleeping mask*. New York: Bellevue, 2017.
- LASALLE, P. *Diga a Borges se o encontrar*: histórias de sonambulismo contemporâneo. Tradução Lenita. Esteves. São Paulo: Mombak, 2016. Edição Kindle.